

GAZETA MEDICA DA BAHIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XXIV

JANEIRO, 1893

N. 7

PATHOLOGIA MEDICA

As nephrites chronicas na Bahia; causas e frequencia. Curiosidades clinicas

PELO DR. NINA RODRIGUES

Escreviamos ainda não ha muito tempo: (1)

« Eu não creio que as estatisticas apresentadas sejam inteiramente inconciliaveis com a opinião que faz da arterio-esclerose renal o principal responsavel pelo augmento de frequencia das nephrites n'esta cidade.

« Seguramente ellas indicam uma frequencia maior para a nephrite parenchymatosa, diffusa, mixta, ou sub-chronica. Mas acredito que este facto deve ser posto exclusivamente a conta da phase da molestia em que os doentes procuram o hospital.

« E' de sciencia vulgar que a nephrite intersticial, seja puramente renal, seja arterio-esclerosa, apresenta commumente para a terminação uma phase hydropica, devida á asynergia cardiaca que, dada a presença da albuminuria, pode-se impor pela nephrite parenchymatosa. E tanto mais facilmente quando, como acontece entre nós, não se tendo dirigido uma investigação particular neste sentido, o exame do doente não é aprofundado sufficientemente.

« Ora, precisamente aos que entre nós tem encaminhado os

(1) Fragmentos de pathologia intertropical. Bahia, 1892. Pag. 93.

seus exames para este fim, parece que são, de facto, as formas intersticiaes as que mais commumente se offerecem à observação clinica.

« Aceita com as devidas reservas esta interpretação, sobre cuja plausibilidade o futuro se pronunciará, vem ella encontrar confirmação na provavel razão de ser do predominio de frequencia das affecções mitraes n'esta cidade. »

Acreditamos que os factos se estão encarregando de confirmar o asserto que avançamos n'este trecho.

Pela nossa parte, no curto periodo de dous annos apenas e n'uma clinica civil muito circumscripta ainda, tivemos ensejo do observar douze casos de nephrite chronica sem que em um só d'elles se tivesse realisado a forma classica da nephrite parenchymatosa. Em tres apenas era licito admittir a forma mixta e em todos os mais tratava-se de casos indiscutiveis de nephrite intersticial, francamente associada em alguns a outras manifestações da arterio-esclerose.

A enumeração summaria d'esses casos é interessante sob mais de um ponto de vista.

I. Homem de letras, advogado, idade alem da media. Um bom gastronomo, abusando talvez de bebidas alcoolicas (cognac). Não havia outra causa apreciavel.

Accidentes uremicos já tinham dado logar á exame da urina e á verificação da albuminuria.

Em seguida a excessos de trabalhos parlamentares na camara constituinte, manifestou-se francamente a uremia, occasionando a morte.

No aparelho circulatorio, hypertensão arterial, ruido de galope Potain.

II. Lavrador, idade alem da media, sobrio, sem causas apreciaveis outras. Albuminuria verificada por occasião de uma forte epistaxis, ha alguns annos. Hoje, edema mais ou menos pronunciado, dyspnea, hypertrophia cardiaca com ruido de galope. Albumina pouco abundante, urina clara e de fraca densidade.

III. Filho do precedente, uns 30 annos de idade; grave infecção syphilitica, vida desregrada.

Alguma infiltração, forte dyspnea. Urinas claras, fraca densidade, e albumina persistente, porém pouco abundante. Signaes de arterio-esclerose cardio-renal.

IV. Alumno da faculdade de direito d'esta cidade; vinte e poucos annos: sobrio, mas com excessivo trabalho intellectual e alimentação má e deficiente.

Fluxão pulmonar brusca e sem causa apparente levou-nos a examinar a urina do doente e a verificar a existencia de albuminuria em urina de fraca densidade. A albuminuria diminuiu com o regimen lacteo, mas augmenta ao mais ligeiro desvio de regimen, ou excesso de trabalho.

V. Empregado do commercio, vinte e tantos annos. Vimol-o em conferencia com o Sr. Dr. Anisio de Carvalho. Embora adoentado, continuava a desempenhar as suas funções de caixeiro de uma casa commercial, quando foi surprehendido por um accesso de asphyxia uremica, sem apresentar edema, ou signaes outros de nephrite. Grave desordem na circulação não nos permittiu determinar precisamente o estado do coração.

Não tivemos informações sobre a historia pregressa d'este doente, que quando teve assistencia medica, já não estava em estado de fornecel-as.

Extrahimos um pouco de urina e verificamos a existencia da albuminuria.

VI. Capitalista. Cachexia uremica, nephrite antiga. Todos os signaes da arterio esclerose generalisada. A depuração renal é insufficientissima mas a urina já não contem albumina. Seria difficil dizer se a nephrite foi causa ou effeito da arterio-esclerose.

Não ha causa saliente a que se attribua o estado morbido.

VII, VIII e IX. Um caso de arterio esclerose renal em um musico. Uma sexagenaria com arterio-esclerose cardio-renal.

Uma mulher affectada de nephrite mixta. Casos communs e sem historia particular ou interessante.

X. *Nephrite parcial chronica em um syphilitico.*

N'este interessante caso clinico, trata-se de um moço de 30 annos de idade, que, oito annos antes tendo tido uma grave infecção syphilitica foi submetido por um dos nossos clinicos a rigoroso tratamento mercurial. Sobrevindo uma nephrite parenchymatosa (?) foi esta attribuida por uns medicos á infecção syphilitica e por outros ao tratamento mercurial.

Suspensos o tratamento e submettido o doente a uma medicação conveniente, desapareceram todos os symptomas, restando apenas uns vestigios de albumina nas urinas a ponto do medico dal-o por curado.

Ultimamente soffria o doente de uma supposta bronchite asthmatica com accessos de dyspnea pela madrugada, offerecendo um ligeiro ruido de galope que nos fez examinar a ruina, encontrando uma pequena quantidade de albumina.

Submettido o doente ao regimen lacteo cessaram os accessos dyspneicos, e o doente considerou-se inteiramente restabelecido. Apezar d'isso ha mais de 8 mezes examinamos de vez em quando as urinas e encontramos sempre uma nuvem de albumina.

A depuração renal é evidentemente insufficiente. Basta o menor desvio de regimen, um excesso, uma *surmenage* de qualquer ordem para provocar ameaços ou ligeiros accessos de dyspnea que cedem a um purgativo brando, ao uso do leite etc.

Na nossa opinião trata-se n'este doente de um caso de nephrite parcial dos que foram estudados por Cuffer e Gastou na *Revue de Medicine*.

Nem se póde tratar aqui de peptonas, nem de uma albuminaria physiologica, nem de albuminurias mechanicas, nem de arterio-esclerose.

Para excluir todas estas hypotheses não nos resta mais do

que transcrever e adoptar as rasões invocadas por estes autores para os seus casos.

«Não é peptona, propeptona porque o acido nitrico e o calor fazem apparecer nas urinas d'esses doentes um precipitado opaco d'albumina; albumina retractil tendo todos os caracteres das albuminurias de causa renal, precipitado que nunca se produz com as peptonas, e propeptonas, cujas reacções são inteiramente differentes.

«Trata-se d'uma albuminuria physiologica? Não se póde deter facilmente a esta idéa: nossos doentes contam em seus antecedentes uma molestia infectuosa que produziu uma nephrite, habitual n'essas condições: nephrite que tem sempre persistido porque não deixam de se caracterisar pela albuminuria. N'esses casos, a albuminuria não é intermittente, ella existe sempre, *á taux fixe*, ou quasi fixo, o que não é o caracter habitual das albuminurias intermittentes.

«Não se póde invocar tão pouco uma causa dyscrasica para explicar a persistencia d'esta albuminuria; os doentes não eram intoxicados, anemicos, carcinomatosos, nem tuberculosos etc.

«Não ha rasão mechanica, lesão cardiaca, nem congestão activa ou passiva do rim, que podesse ter influido.

«Não ha arterio-esclerose, exceptuando entretanto o nosso 3.º caso que mostra como as nephrites parciaes podem de tempos a tempos se despertar e produzir accidentes agudos, seja pelo facto de congestão renal, seja por depuração insufficiente.»

No nosso doente, não havia symptomas de arterio-esclerose. O ruido de galope era devido a um desdobraimento da segunda bulha e não ao ruido Potain.

XI. *Nephrite intersticial. Intercurrencia palustre, provocando a manifestação da chorea brightica.*

Capitalista, cerca de 50 annos: alcoolismo; sem se embriagar, absorve todos os dias uma boa dóse de aguardente de canna.

Residente em uma roça ao Rio Vermelho, o doente foi accommettido de accessos palustres fortes.

O distincto collega que o vio, aconselhou-lhe que viesse para a cidade, mas já na vespera da mudança apresentava movimentos choreiformes dos membros que persistiam mesmo nos intervallos dos accessos, ou com febre de 38.^o

Vimol-o em conferencia no quarto ou quinto dia de molestia; os movimentos desordenados, choreiformes se manifestavam não só nos membros, como nos musculos da face.

Não encontrando nos antecedentes do doente, nem na intoxicação palustre actual uma explicação sufficiente para o seo estado; por outro lado, verificando a existencia de signaes evidentes de arterio-esclerose, propuzemos o exame da urina que veio revelar a existencia de albuminuria.

Aconselhamos, alem da medicação especifica contra o impaludismo, largos purgativos no sentido de auxiliar a eliminação dos residuos febris que, n'um caso de depuração renal insufficiente, estava evidentemente aggravando a auto intoxicação e provocando a manifestação dos movimentos chorciformes ou choreicos.

Desappareceram estes phenomenos e com o emprego racional do quinina cedeo de todo o impaludismo. Persistio, porem, a albuminuria com uma media de 2 gram. de albumina por litro; mais tarde esta quantidade reduzio-se ainda, mas até hoje não desapareceo de todo,

O doente é um cardio-renal, que continua, entretanto, a se occupar dos seus negocios.

E' esta uma manifestação uremica conhecida, mas certamente muito rara e curiosa.

XII, *Nephrite chronica com perturbações da sensibilidade, simulando beri-beri.*

Este caso não pode ser incluído no numero dos precedentes pois a pessoa residia no Amazonas e tendo começado a sentir-se doente emprehendeo a conselho do seo medico assistente

uma viagem ao sul na supposição de que fossem beri-bericos os seus padecimentos.

Longe de melhorar com a viagem, o seo estado aggravou-se consideravelmente, chegando a esta cidade com phenomenos francos de uremia, e succumbindo alguns dias depois.

Encontravam-se as perturbações da sensibilidade descriptas por Dieulafoy no seo pequeno brigtismo e attribuidas por Huchard á arterio-esclerose. O doente estava alem disso paretico dos membros inferiores.

Este caso tem de interessante a possibilidade da confusão d'esta molestia como certas formas de beri-beri, como em tempo sustentou o Con. Ramiro Monteiro que se podia dar e que provavelmente deo-se muitas vezes entre nós, quando a frequencia dos nephrites era ainda pouco conhecida e por conta do beri-beri corriam muitos casos clinicos pouco conhecidos, ou mal estudados.

* * *

Afóra o interesse particular que possam ter isoladamente estes diversos casos clinicos, o que ha de mais saliente é a exclusão da forma parenchymatosa supposta a mais frequente, em observações de quem não faz, nem pode fazer selecção clinica.

Pouco esclarecem estes casos em relação a causa productora da molestia entre nós, se n'elles se procura a existencia de um agente especial e de effeitos conhecidos.

Não escluem, porem, e antes confirmam a supposição que temos admittido e deffendido de que essa cauza deve ser procurada na nossa alimentação de má qualidade e inteiramente em desaccordo com as exigencias do clima e dos habitos sociaes que elle nos impõe.

D'entre as causas auxiliares as mais sensiveis são por certo os agentes infectuosos e miasmaticos, já por seus effeitos agudos traduzidos em molestias confirmadas, já por seus effeitos de intoxicações lentas e mal apercebidas, sob a forma de molestias lattentes ou attenuadas. A substituição do sólo mala-

rial pelo typhismo urbano, n'uma cidade sem hygiene, sem protecção do sólo, é uma fonte perenne de emanações toxicas que não podem ser estranhas ao mesmo resultado.

* * *

Agora, se ha uma idea que se vae radicando no espirito de todos os nossos clinicos, é por certo a de que a nephrite chronica é uma das molestias mais frequentes, d'esta cidade. E, se como acreditamos, ella tem por cousa os factores apontados, o mal é certamente remediavel e merece que a direcção da hygiene publica volva para elle a sua attenção.

A sua formula é pouco complicada, embora de difficil solução: saneamento e viveres sadios.

CLINICA PSYCHIATRICA

Febre amarella e loucura

PELO DR. CARLOS EIRAS

(Medico e director da Casa de Saude Dr. Eiras)

Que me conste, entre as manifestações nervosas do mal de Sião, ninguem ainda referiu alterações mentaes, fóra do periodo pyretico, já nos dominios da loucura. Os casos que abaixo relato são d'esta especie.

Não é meu intento crear uma nova psychose.

Perante as sans doutrinas hodiernas seria uma heresia scientifica. Não ha uma loucura typhoidéa, variolica, albuminurica, nem mesmo puerperal. O facto de se achar a economia alterada por qualquer d'estes estados morbidos por occasião do apparecimento de uma psychose, não imprime a esta um cunho symptomatico especial que dê direito á creação de uma forma distincta de loucura.

Todo factor etiologico, entretanto, é digno de menção, não

póde ser despresado para interpretação da natureza do estado morbido a elle superveniente.

N'este character, pois, é que apresento o typho americano. Não é a fórmula, é o fundo da molestia que me preoccupa.

As modernas theorias sobre infecção e auto-intoxicação já penetraram, tambem na pathogenia de deversas molestias do systema nervoso.

Haja em vista o que se refere a sclerose em placas, a paralytia espinhal infantil, hoje geralmente acceitas como dependentes de uma infecção de natureza, embora, ainda desconhecida; o que diz respeito á molestia de Graves-Basedow, attribuida é uma auto-intoxicação devida a superactividade pathologica da glandula thyroide e outras que ainda poderiamos citar, não esquecendo o delirio agudo, entre as psychoses, por Briand considerado ou suspeitado microbiano.

Os estados adynamicos, ataxicos que se se manifestam na febre amarella demonstram tambem que seu factor pathogenico por seu turno não poupa o systema nervoso.

Não é pois difficil com estas bases, accuitar a interpretação infecciosa que dou ao delirio de meus doentes.

Seis foram os casos por mim colligidos. De 4 tive observação directa, os dous outros occorreram no hospicio Nacional e á obsequiosidade, que agradeço, do distincto collego Marcio Nery, devo as respectivas notas.

De todos mencionarei o necessario para o fim que viso, porque em um artigo de jornal inutil se tornam minuciosidades que não vem a pello.

1.º T. R. estrangeiro, negociante. Na convalescença da febre amarella foi acommettido de um violento accesso de excitação maniaca que determinou a necessidade de sua reclusão.

Não havia antecedentes hereditarios nem de abusos alcoolicos que podessem dar explicação da desordem cerebral. A urina não continha albumina. No fim de 24 horas cessação completa de todos os symptomas psychicos. Amnesia com-

pleta do occorrido a ponto de determinar protesto contra a internação, e só a afirmação de amigos convenceu-o d'esta dura necessidade.

Foram d'este facto testemunhas os distinctos collegas Goulart e Jose Maria Teixeira, como assistente e conferentes do doente em sua residencia.

2.^o A. E. S. branco, 31 annos, portuguez, artista. Entrada em Março de 92, convallescente de febre amarella com as escleroticas e tegumento esterno ainda côr de açafão. Agitação acompanhada de allucinações visuaes de fundo depressivo. Dizia-se morto, mas que não sabia quem o matara. Loquacidade, passando com facilidade de um assumpto para outro.

As vezes cochichava, chorando, sendo necessaria fórte sollicitação externa para despertar lhe a attenção. Ausencia de tremor ou outro signal somatico de alcoolismo. Nada se sabe sobre antecedentes hereditarios. Anorexia, insomnia,

Por mais de 2 mezes persistiu com pequenas alternativas de melhoras este estado, depois desapareceu completamente a agitação, restando, um abaixamento relativo do nivel intellectual. A falta de conhecimento anterior d'este individuo inibe juizo definitivo n'este sentido. Releva notar certa irregularidade, asymetria da face *provavelmente* expressão de degeneração.

3.^o J. M. G. Portuguez 15 annos, solteiro, copeiro. Ha 3 dias apenas, entrou em convallescença de febre amarella; nenhuma particularidade conseguimos saber sobre a marcha da molestia, nem qual o symptoma mais grave ou que predominou. Apenas narram que tendo cedido a febre começou a dizer-se curado, estar forte, querer a todo transe trabalhar, sendo difficil contel-o no quarto.

Alem d'isso insomnia, recusa de medicamentos e alimentos. Entrou para o estabelecimento agitado, loquaz com idéas ambiciosas; tem dinheiro bastante para pagar tudo do bom e do melhor, precisa de exercicio. Com difficuldade é contido, querendo sahir, andar. Chora, protesta, recomeçando depois a enumeração dos seus haveres, a exaltação de suas forças etc.

Este setado agudo durou 5 dias, conseguindo dormir com o bromureto. Depois a agitação foi gradualmente decrescendo para desaparecer completamente ao fim de 15 dias em que teve alta curado.

Nenhuma anomalia facial, nem stygmates degenerativos. Ausencia de informações sobre antecedentes hereditarios. Não bebe.

4.º J. O. portuguez, 25 annos, lavrador.

Alguns stygmates de degeneração physica (dentes mal implantados, lobulo da orelha terminando com o tegumento da face etc.) Não ha signal de alcoolismo. A urina não contem albumina.

Refere ter tido *uma vez* uma vertigem epileptiforme.

Chegou de Portugal ha pouco tempo, empregando-se como carregador de caixões, sendo no fim de 3 dias d'este serviço acommettido de febre amarella.

No periodo de convalescença voltou ao trabalho Carregando um caixão começou a *ver* varios individuos que para elle se dirigiam, gritando que iam metel-o dentro do caixão. Abandonando a carga poz-se a correr, sendo então, pela policia preso e recolhido ao hospicio. Ahi esteve em estado de agitação, furia, que foi lentamente se amainando a dentro de poucos dias desapareceu. (Póde-se talvez filiar este caso a epilepsia, entretanto, o accesso foi debellado com injeções de hyosciamina e a *inconsciencia* sómente existiu para a ultima phase da molestia.)

5.º G. T. brasileiro, branco, 22 annos, solteiro, empregado em uma empreza industrial. Pae dyspeptico nervoso. Mãe um tanto emocionavel. Avô materno parece ter soffrido de syphilis. Não tem antecentes alcoholicos. Estatura regular, constituição forte. Cabellos e barbas castanhos escuros, olhos azues, face asymetrica, coberta de acucas escuras.

Sempre demonstrou por seus actos desequilibrio mental, genio violento exacerbando-se por motivos futeis. Entrou em convalescença de febre amarella em Março. Achando-se aba-

tido, resolveram seus patrões mandal-o para o interior. Por occasião do seu embarque manifesto u os primeiros signaes de loucura, por uma altercação, sem motivo, com o chefe do trem em que seguiu.

Levaram, então, este facto á conta do seu genio brigador. Entretanto, ao chegar ao ponto de seu destino, verificou-se que tal não era. Violento accesso de excitação maniaca acompanhada de allucinações (*via* pessoas vestidas de variegadas côres que riam-se para elle, iam, voltavam, como em um theatro outras vezes o ameaçavão e obrigavam-no a gritar) se apresentou, sendo forçada a familia a contel-o em um quarto e a removel-o para este estabelecimento, onde entrou em 21 de Abril. Ainda agitado, fallando com volubilidade de sua força, de seus talentos, de sua fortuna etc. Durante muitos dias persistiu neste estado e sempre com as allucinações referidas.

Depois começou a rasgar a roupa, a destruir o calçado, a subir pelas arvores do pateo da secção em que se acha. Lentamente foi se modificando este estado e 12 dias depois já não era mais necessario contel-o, já não rasgava a roupa, desapareceu a insomnia. Come com disposição, porém calmamente, sem voracidade, falla pouco e somente quando sollicitado. Desappareceram pois os symptomas agudos. Entretanto observa-se d'esta epoccha em diante certa difficuldade na formação das ideias, devido, ao que parece, ao retardamento da memoria. Este estado accentuou-se por tal fórmula, surgiram symptomas reveladores da demencia (apanhava objectos, pedras, pontas de cigarros, etc. e guardava-os, trazendo os bolsos cheios d'estas inutilidades) que nos fizeram crer em completa incurabilidade. Entretanto, vieram, de novo, crises de agitação, embora mais fracas sem causa apreciavel; começa, depois dellas a notar-se o despertar da intelligencia (perguntas razoaveis ao medico na hora da visita, pedido de papel para escrever aos seus etc.

A principio em suas cartas revelava ideias de grandeza, depois, porém, tornaram-se muito sensatas, e para não alongar

mais esta observação com minudencias, em meados de Outubro, (isto é, 6 mezes depois de sua entrada) apresenta-se completamente restabelecido, permanecendo até hoje, por informações que temos tido, depois de sua sahida, curado.

6.º A. G. M. portuguez, 16 annos, solteiro, maritimo. Mãe hysterica. A 18 de Março teve alta de febre amarella. No dia immediato começou logo, a apresentar perturbações mentaes que consistiam em ideias vagas de perseguição, allucinações da vista, agitação anciosa. Depois de recolhido a casa de Saude, recusa de alimentos, estupor melancolico que foi pouco e pouco cedendo e dando logar, de novo, ao estado ancioso referido acima. No fim de 15 dias melhoras tão consideraveis do estado mental que póde-se considerar curado. Foi, então, retirado do estabelecimento e não mais d'elle tivemos noticia.

Manifestaram-se todos estes casos, como se vê, na convalescença, quando o organismo tendia a voltar ao estado normal. Nenhum d'elles pois, póde ser incluído no numero dos que tem desordens congestivas por causa do delirio como soe acontecer no inicio d'esta pyrexia, nem tão pouco póde a hyperthermia ser incriminada como se dá no periodo de estado de qualquer febre. Mesmo no penultimo caso quanto mais nos outros, foi bem immediato o apparecimento da psychose para se poder dar-lhe relação de causa a effeito, embora, no despertar de uma predisposição latente, E, a este proposito, mencionarei, a ausencia de signaes degenerativos reveladores de terreno *fortemente* preparado para desordens psychicas, existindo naturalmente a disposição imprescindivel excepto para o penultimo caso, cuja marcha e duração foi n'este particular expressiva.

A fórma vesanica predominante não permite tambem attribuir á anemia, a fadiga cerebral devida ao rude golpe que soffreu o nobre orgão do pensamento. Embora houvesse um fundo depressivo allucinativo em alguns dos casos, entretanto, sempre a agitação predominou, em vez de um estado de obtusão intellectual, tendo por base abolição da memoria,

imprimindo as concepções delirantes seu cunho especial de absurdo e que caracteriza o delirio dos convalescentes de certas pyrexias.

Não foram com certeza as alterações da estrutura cerebral a causa determinante do delirio. Em nenhum dos doentes havia antecedentes alcoolicos. Em todos desaparecera já a albumina das urinas de modo a affastar a ideia de uremia, si fosse licito em qualquer dos casos suspeital-a.

O tratamento, emfim, veio tambem fornecer o seu contingente possivel na demonstração causal.

Foram calmantes, purgativos, antisepticos e, só depois que a rasão volveu, os tonicos que concorrem para debellar mal cerebral.

Não se poderá responsabilisar a toxihemia pelas desordens mentaes? Não foi ella, pelo menos, a causa occasional do apparecimento das mesmas? Não parece no geral terem se apresentado as melhoras, ter sobrevindo a cura a medida da eliminação do agente infeccioso?

E' licito, julgo, poder responder-se pela affirmativa.

Embora não possam por sua reunião, os symptomas apresentados, dar logar a criação de uma entidade vesanica distincta terão, entretanto, algum traço caracteristico que os distingua ou antes que revele sua origem?

Propriamente não; entretanto, alguns pódem ser incorporados, classificados, por sua fórmula na grande familia dos delirios toxicos, embora a agitação, fundo depressivo nas allucinações:

D'estas observações será possivel deduzir algum dado positivo para o prognostico? isto é, da circumstancia de terem se curado estes doentes poder-se-ha, generalisar a conclusão da curabilidade em taes casos? Do *observado* parece ser a natureza do terreno, a degeneração mais forte, o unico obstaculo á cura. Comprehende-se, porém, que é muito diminuto ainda o numero

de casos para qualquer juizo definitivo. Publicando-os, foi meu unico fim despertar a attenção para mais um modo de manifestação do agente iufeccioso da pyrexia que tão grande numero de victimas faz entre nós.

(*Brazil Medico*)

Codigo das disposições communs às instituições de ensino superior dependentes do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores.

(Continuação da pag. 263)

CAPITULO III

DOS LENTES E AUXILIARES DO ENSINO

Art. 26. O corpo docente dos estabelecimentos de ensino superior compõe-se dos lentes cathedraticos e substitutos, e dos professores n'aquelles estabelecimentos em que existir esta classe.

Os lentes substitutos e professores serão distribuidos por secções, conforme o disposto nos regulamentos especiaes de cada um dos estabelecimentos de ensino superior.

Art. 27. Os lentes cathedraticos e substitutos, bem como os professores, são vitalicios desde a data da posse e exercicio, e não poderão perder seus logares senão na forma das leis penaes e das disposições deste Regulamento.

Art. 28. O lente cathedratico é obrigado:

1.^o a reger sua cadeira conforme o horario e o programma adoptados;

2.^o a dirigir os trabalhos praticos relativos á sua cadeira em dias alternados com as lições oraes, bem como as excursões scientificas nas escolas em que estas se fizerem.

Art. 29. Ao substituto incumbe:

1.^o substituir os lentes da respectiva sessão nos casos de seus impedimentos;

2.º fazer cursos complementares, theoreticos ou praticos, sobre as materias que a Congregação designar, quando taes cursos forem julgados necessarios, conforme indicação do respectivo lente, que designará o assumpto sobre que devem elles versar, bem como o programma a seguir;

3.º auxiliar os lentes nos trabalhos de laboratorio e nas excursões scientificas dos alumnos, ou dirigil-os, se forem para isto designados;

4.º desempenhar-se das outras obrigações exaradas nos regulamentos especiaes de cada um d'estes estabelecimentos.

Paragrapho unico. O lente substituto não deixará de fazer os cursos complementares para que tiver sido designado, ainda quando esteja na regencia de cadeira.

Art. 30. O professor é obrigado á regencia da respectiva aula e á direcção dos exercicios praticos correspondentes.

Art. 31. Os lentes cathedraticos e substitutos, bem como os professores, são obrigados a tomar parte nos outros actos escolares, de accordo com as disposições dos regulamentos respectivos; nesses actos terão precedencia os cathedraticos aos substitutos, estes aos professores, e entre uns e outros os mais antigos, contada a antiguidade do dia em que começaram a fazer parte do corpo docente.

Paragrapho unico. Tendo havido mais de uma posse no mesmo dia, regulará para a antiguidade a data do decreto, e sendo esta a mesma regulará a data da graduação e por ultimo a idade.

Art. 32. O lente cathedratico ou professor que, além do desempenho do seu cargo, reger interinamente uma cadeira ou aula, em virtude do impedimento ou falta do respectivo cathedratico, terá direito a um acrescimo igual á gratificação do substituido.

Art. 33. O lente substituto ou professor que reger cadeira ou aula vaga, perceberá o vencimento integral da mesma cadeira ou aula.

Paragrapho unico. Se o substituto accumular ao exercicio de

funções próprias o da regencia de cadeira, perceberá, além do seu vencimento integral de substituto, o que lhe competir pela mesma regencia.

Art. 34. Os lentes cathedrauticos e substitutos e os professores que se tornarem invalidos e contarem mais de 10 annos de serviço, terão direito á jubilação nos seguintes termos:

§ 1.º Os que contarem 25 de exercicio effectivo no magisterio, ou 30 de serviços geraes terão direito á jubilação com o ordenado por inteiro.

§ 2.º Os que contarem 30 annos de exercicio effectivo ou 40 de serviços geraes terão direito á jubilação com todos os vencimentos.

§ 3.º Os accrescimentos de ordenado, já concedidos por antiguidade e serviços prestados, acompanharão os vencimentos do jubilado.

Art. 35. Os lentes cathedrauticos e substitutos que se jubilarem com menos de 25 annos de exercicio, terão direito ao ordenado proporcional ao tempo de serviço.

Art. 36. Os lentes cathedrauticos, os substitutos e professores contarão, como tempo de serviço effectivo no magisterio, para os effeitos da jubilação:

1º, o tempo de serviço publico em commissões scientificas;

2º, o numero de faltas por motivo de molestia não excedentes de 20 por anno, ou 60 por triennio;

3º, todo o tempo de suspensão judicial, quando for o lente ou professor julgado innocente;

4º, serviço gratuito e obrigatorio por lei;

5º, serviço de guerra;

6º, o de exercicio de membro da representação da União ou de qualquer Estado, agente diplomatico extraordinario, o de ministro de Estado, presidente ou vice-presidente da União, governador ou vice-governador de Estado ou de cargos de magistratura;

7º, tempo de serviço de preparador e de magisterio publico.

Art. 38. Qualquer membro do magisterio, que compuzer tratados, compendios e memorias scientificas importantes sobre as doutrinas ensinadas no estabelecimento, terá direito á impressão do seu trabalho por conta do Governo, se a Congregação o julgar de utilidade para o ensino, não excedendo de 3000 o numero de exemplares impressos á custa dos cofres publicos.

Art. 39. Se a obra apresentada for considerada pela Congregação como sendo de grande merito e de grande vantagem para o progresso do ensino e da sciencia, além da impressão em numero maior de exemplares, terá o autor direito a um premio arbitrado pelo Governo, mediante informação do director, premio nunca inferior a 2:000\$ nem superior a 5:000\$.

Art. 40. Poderá o Governo, como recompensa ao merecimento, mandar um membro do corpo docente de algum estabelecimento em viagem de instrucção aos paizes mais adiantados, concedendo-lhe os meios necessarios á sua subsistencia, transportes e pesquisas. A indicação será sempre feita pelo director, competindo a este dar as devidas instrucções.

Art. 41. E' licito aos lentes cathedrauticos permutarem entre si as cadeiras que regerem, comtanto que haja requerimento ao Governo e approvação da Congregação, quanto á vantagem e conveniencia da permuta.

Art. 42. Os lentes cathedrauticos e substitutos usarão das suas insignias magistraes e doutoraes nas seguintes solemnidades:

1^a, nas visitas do chefe do Estado, oficialmente annunciadas ao estabelecimento;

2^a, na collação de grãos;

3^a, na posse do director e dos lentes;

4^a, nos concursos;

5^a, nos actos de defeza de theses.

Art. 43. São incumbencias do preparador:

1^o, dispor o necessario para as demonstrações em aula e investigações do cathedrautico ou de quem o substituir;

2^o, exercitar os alumnos no manejo dos instrumentos, e

guial-os nos exercicios praticos, segundo as instrucções do lente da cadeira.

Art. 44. No impedimento do preparador, o director nomeará quem o substitua interinamente.

Art. 45. Os preparadores são vitalicios nos seus cargos, e só os perderão na conformidade das disposições dos regulamentos especiaes.

Art. 46. Haverá nas Faculdades de Medicina um chefe dos trabalhos anatomicos e do museu anatomo-pathologico, assistentes, internos de clinica e parteiras, cujo numero, deveres e direitos serão consignados nos regulamentos especiaes.

Art. 47. Os lentes cathedrauticos, substitutos e professores que deixarem de comparecer para exercer as respectivas funcções por espaço de tres mezes, sem que justifiquem as suas faltas, na conformidade deste Regulamento, incorrerão nas penas marcadas pelo Codigo Penal.

Art. 48. Se a ausencia exceder de seis mezes, reputar-se-ha terem renunciado o magisterio, e os seus logares serão julgados vagos pelo Governo, ouvida a Congregação.

Art. 49. O lente ou professor nomeado, que, dentro de dous mezes, não comparecer para tomar posse sem communicar ao director a razão justificativa da demora, perderá a cadeira para a qual foi nomeado, sendo-lhe a pena imposta pelo Governo, depois de ouvida a Congregação.

Art. 50. Expirado o prazo na hypothese do art. 47, o director convocará a Congregação, a qual, tomando conhecimento do facto e de todas as suas circumstancias, decidirá promover ou não o processo, expondo minuciosamente os fundamentos da decisão que tomar.

Se for affirmativa, o director a remetterá por copia extrahida da acta, com todos os documentos que lhe forem concernentes ao promotor publico respectivo, para intentar a accusação judicial por crime de responsabilidade, e dará parte ao Governo assim do que resolveu a Congregação, como da marcha e resultado do processo, quando este tiver logar.

Na hypothese do art. 48, o director dará parte ao Governo do occorrido, afim de proceder-se na conformidade do mesmo artigo.

Art. 51. Na hypothese do art. 49, verificada a demora da posse, e decidida pela Congregação a procedencia ou improcedencia da justificação, se tiver havido, o director participará ao Governo o que occorrer para sua final decisão.

Art. 52. Se não for bastante esta advertencia, o director, ouvindo a Congregação, o comunicará ao Governo, propondo que sejam applicadas as penas de suspensão de tres mezes a um anno com privação dos vencimentos, e observará o que a tal respeito for pelo mesmo Governo determinado, com audiencia da Congregação.

Art. 53. Qualquer divergencia que a respeito do serviço do estabelecimento houver entre o director e algum lente cathedratico, substituto ou professor deve por aquelle ser presente á Congregação.

Art. 54. Si algum lente, nos actos do estabelecimento, faltar aos seus deveres, o director levará ao conhecimento da Congregação o facto ou factos praticados.

Art. 55. Neste caso a Congregação nomeará uma commissão para syndicar dos ditos factos, e mandará que o accusado responda dentro de 15 dias.

Art. 56. Dentro do mesmo prazo, com a resposta do lente ou sem ella, deverá a commissão apresentar o seu parecer motivado.

Art. 57. A' vista do parecer da commissão e da resposta do accusado, a Congregação deliberará se este deve ser advertido camarariamente, ou soffrer as penas do art. 52.

Art. 58. Os lentes e professores farão as prelecções sobre compendios de sua livre escolha, e poderão ensinar quaesquer doutrinas, uma vez que não offendam as leis e bons costumes.

Art. 59. Quando os alumnos não comprehenderem algum ponto poderão propôr ao lente, verbalmente ou por escripto, as duvidas que lhes occorrerem. O lente as resolverá no mesmo dia ou na seguinte lição.

CAPITULO IV

DO PROVIMENTO DOS LOGARES DO CORPO DOCENTE E DE SEUS
AUXILIARES

SECÇÃO I

LENTE S CATHEDRATICOS

Art. 60. As cadeiras serão divididas em secções, na fórma das disposições especiaes de cada um dos estabelecimentos.

Art. 61. Vagando alguma cadeira, será para ella nomeado, por decreto do Governo, o substituto mais antigo da respectiva secção.

SECÇÃO II

LENTE S SUBSTITUTOS E PROFESSORES

Art. 62. Os logares de lentes substitutos e professores serão providos por decreto do Governo, mediante concurso.

§ 1.º

Regras geraes do provimento por concurso.

Art. 63. Tres dias depois da verificação da vaga, mandará o director annunciar o concurso nas folhas officiaes da Capital Federal e do Estado em que estiver situado o estabelecimento, marcando para a inscripção do concurso o prazo de quatro mezes. A publicação do edital será renovada e pelo mesmo modo repetida em cada um dos ultimos oito dias do prazo da inscripção; e, se este expirar durante as ferias, conservar-se-ha aberta nos tres primeiros dias uteis que se seguirem ao termo dellas, procedendo-se ao encerramento no terceiro, ás duas horas da tarde.

Art. 64. No caso de haver mais de uma vaga, a Congregação resolverá qual a ordem em que devem ser postas a concurso.

O prazo de inscripção do segundo começará a correr dous mezes depois da abertura da inscripção do primeiro, e assim por diante, de sorte que haja um concurso especial para cada vaga.

Art. 65. A Congregação proporá ao Governo o concurrente mais votado na qualificação por ordem de merecimento.

Se, porém, o Governo entender, que o concurso deve ser annullado por se terem nelle preterido formalidades essenciaes, o fará por meio de um decreto contendo os motivos dessa decisão, e mandará proceder a novo concurso.

(Continúa).

REVISTA DA IMPRENSA MEDICA

MODO DE ADMINISTRAÇÃO DO CHLOROFORMIO NA ANESTHESIA CIRRUGICA

Entre os diversos methodos de administração do chloroformio, o de pequenas doses, fracas e continuas parece reunir n'este momento maior numero de adeptos.

Este methodo comprehende diversos processos, dos quaes o melhor seria, segundo o Sr. Dr. Nicaise, cirurgião dos haspitaes de Pariz, a chloroformisação gotta a gotta que este collega emprega de longo tempo e com feliz resultado. Por este processo obtem-se uma anesthesia calma, quasi sem periodo de excitação, diminuindo os perigos do chloroformio e suas contra-indicações.

Eis como segundo o Dr. Nicaise deve-se proceder:—

Quando a procedencia do chloroformio não fôr uma garantia absoluta de sua bôa qualidade, deve-se em primeiro lugar verificar o seu estado de pureza.

Para isso, os dous meios seguintes bastam na pratica; assegura-se pelo papel de gira-sol que o chloroformio é de reacção neutra e que derramado em pequena quantidade na palma da mão ou sobre a unha, elle se evapora sem deixar residuo. Quando se acham reunidas estas duas circumstancias e que o cheiro do chloroformio é suave e doce, é signal de que se póde usal-o.

Antes de praticar a anesthesia, necessita-se examinar com-

pletamente o doente para se ficar bem certo de que n'elle não existe nenhuma contra-indicação.

Nas affecções pulmonares, as contra-indicações são raramente formaes; entretanto é necessario usar de grandes precauções e ter em vista o estado geral do doente; quando se é obrigado a chloroformisar tuberculosos e nos casos que deve praticar o empyema ou a operação de Estandler.

As affecções cardiacas são ainda para se temer, sobretudo a degenerescencia gordurosa do coração e a insuffiencia aortica: o estreitamento aortico e as lesões mitraes apresentam perigo.

E' preciso desconfiar dos doentes sujeitos a syncope, de certos individuos nervosos, entre elles os que soffrem da fendas no anus, aos quaes doses minimas chloroformio bastam as vezes para prevenir a anesthesia, pois as doses ordinarias para a anesthesia podem ser perigosas. Deve-se tambem desconfiar dos alcoolistas em consequencia da excitabilidade do seu systema nervoso, dos individuos muito medrosos e impressionaveis que procuram resistir ao chloroformio.

Abster-se-á de administral-o a um ferido em estado de embriaguez ou do *schok*, assim como nos casos de fraqueza extrema consecutiva a uma hemorragia abundante.

Afastada a existencia de contra-indicações formaes á anesthesia chloroformica, começa-se a administral-o. O Sr. Nicaise fal-o respirar por meio de uma mascara de flanella applicada sobre as narinas e a bocca e sobre a qual derrama gotta a gotta por meio de um frasco graduado munido de uma rolha filtradora.

Esta mascara apresenta sobre o chumaço empregado por muitos cirurgiões a vantagem de poder ser segura por uma só mão e sobretudo facilitar a entrada de uma quantidade sufficiente de ar o que impede que se produza a cyanose.

A principio é necessario fazer respirar ao pouco carregado de chloroformio a fim de evitar a tosse e um certo gráu de suffocação que se observou por vezes com a chloroformisação brusca.

Deve-se, portanto principiar por deitar tres ou quatro gottas sobre a mascara; depois derrama-se gotta a gotta lentamente, de dez a doze gottas por minuto sem retirar a mascara. Ao cabo de dez a quinze minutos a anesthesia é completa, o que pode-se verificar pela perda do reflexo palpebral, pela resolução muscular e pela insensibilidade da pelle. Quanto ao estado da pupilla, é na opinião do Sr. Nicaise um signal inconstante.

O chloroformio é dado depois em menor quantidade de quatro a seis gottas por minuto para entreter a anesthesia.

Deve-se observar com attenção para tornar a dal-o ao menor signal de despertar, como a loquacidade, nauseas ou diminuição da anesthesia.

Varia segundo os casos a quantidade de chloroformio a empregar-se; mas pode-se dizer que assim gotta a gotta é dez vezes menos do que pelos outros processos. Para as operações de curta duração são sufficientes 8 a 10 grammas.

Uma vez concluida a operação e o curativo cessa a administração e conserva-se então o doente durante muitas horas em posição horisontal afim de evitar a syncope e os vomitos. Deixa-se o doente despertar por si mesmo (1). Si o despertar tarda accelera-se-o abanando, arejando o doente, flagelando-o ligeiramente o rosto; mas deve-se abster de qualquer manipulação violenta sobre o peito e o rosto.

Durante duas ou tres horas não deve beber nada, depois poderá tomar bebidas gelladas — Champagne gellado (frappé).

Se sobrevem dôres, máu estar é as vezes util uma injeção de o. gro 5 milgr. a o. gro 1 centigr. de morphina.

(1) Não nos parece prudente esperar que o operado desperte por si mesmo. Não se pode prever que uma syncope sobrevenha justamente no momento em que se terminou o curativo. Ha 25 annos foi operada no Rio de Janeiro a mulher de um empregado do Arsenal de Marinha, creio que chamada Collona e os cirurgiões retiraram-se sem despertar-a. Quando pessoas da familia achando demasiado o sommo procuraram acordal-a, estava morta. Nenhum inconveniente ha em despertar o operado ou para melhor dizer em chamal-o a vida logo que nada mais ha a fazer.

(J. R. M.)

Com a chloroformisação gotta a gotta o Sr. Nicaise não perdeu nenhum doente, com quanto muitas vezes tivesse de esta aberta.

Deve-se portanto obserear attentamente o doente e combater o menor accidente que se possa manifestar sob a influencia da chloroformisação.

Em caso de ameaça de morte, deve-se praticar o seguinte:— puchar a lingua para fora, collocar a cabeça em posição declive levantando os pés da mesa de operação, fazer a respiração artificial e ao mesmo tempo friccionar o corpo e os membros. Pode-se tambem applicar uma cinta de Esmarco em um dos membros e fazer respirar oxigenio, si se o tem a mão.

Emfim recordemos ainda a compressão methodica da região cardiacas; preconisada pelos Srs. Koerrig e Maas para combater o collapso chloroformico.

(LA SEMAINE MEDICALE. N. 39—1892).

O BACILLO VIRGULA DA CHOLERA ASIATICA

EM CONTACTO COM FOLHAS DE TABACO E CHARUTOS

Pelo Dr. Wernick *cirurgião mór, assistente no instituto hygienico da Universidade de Berlin.*

Como a transmissão da cholera se effectua unicamente pelo canal digestivo, ha a par do interesse theorico tambem interesse pratico em determinar por meio de experiencias qual a vitalidade do bacillo nos diversos generos alimenticios e nos de recreio (como tabaco, etc.).

Quanto a grande numero d'estes generos já se fizeram os respectivos exames, mas sobre as modificações do bacillo em contacto com os charutos durante o fabrico e expedição, não encontro mais a pequena referencia nos livros ao meu alcance.

A epidemia da cholera, este anno, em Hamburgo offereceu ao auctor occasião de tratar mais de perto esta questão e de examinar se o bacillo se conserva vivo por algum tempo nos charutos e no tabaco de que são feitos. Determinado este facto por meio de experiencias, ficava demonstrada a possibilidade

de alastrar-se também a doença por meio dos charutos, quando proveniente s de logar inficionado.

Dadas as conhecidas qualidades vitaes do bacillo tornava-se desde logo improvavel que elle conservasse por algum tempo a sua qualidade vital e contagiosa nos charutos e no tabaco secco; mas como succede serem expedidos os charutos e o tabaco também em estado um pouco humido e como tabaco é hygroscopio, não estava de todo excluida a idéa de que os agentes causaes da cholera asiatica se pudessem conservar vivos n'estes productos.

O fabrico dos charutos é feito, como se sabe, de forma que se molha, antes de enrolado, o tabaco que se quer empregar. Em seguida formam-se com o tabaco em estado humido, corpos cylindricos que são prensados em fôrma, envolvendo-se em seguida na capa, que na ponta do charuto é fechada por meio de uma massa de gomma, clara d'ovo ou chicorea. Infusão especial para o tabaco já não se emprega nas melhores fabricas.

Feitos os charutos, atam-se em pacotes, mettem-se e prensam-se dentro de caixas de cedro que depois de forradas e pregadas vão para a estufa, em que ficam a seccar algum tempo á temperatura 24^o—30^o R, antes de serem enviados para o deposito.

N'estas manipulações pôde succeder que, por meio da agua empregada para amolha, se transporte o bacillo para o tabaco e seja depois introduzido nos charutos pelas mãos dos manipuladores nas diversas phases do fabrico.

Para imitar a manipulação dos charutos e as possibilidades de infecção, fizeram-se charutos no laboratorio, em que se empregaram 4 qualidades differentes de tabaco, das mais usadas em Hamburgo nas fabricas—Havana, Sumatra, Brazil e Seedlee—A agua empregada para molhar as folhas foi inficionada com bacillo proveniente de culturas, de um dia, em agar-agar, misturando-se uma porção com 40 c. c. d'esta agua.

Emquanto que a agua canalizada continha 120 germens por

c. c., havia em um c. c. da agua misturada por esta forma mais de 1:500.000 dos das colonias de cholera nas placas.

De cada uma das 4 qualidades de tabaco fizeram-se 4 charutos e, para obter condições bem desfavoraveis para a experiencia, collocou-se no centro de cada charuto um bocado de panno de linho de cerca de 1 1/2 c. de comprimento e de 1/2 c. de largo embebido em cultura, de um dia, da cholera em caldo. Fez-se um pequeno pacote dos charutos atados em 4 que se collocou em estufa incubadora dentro de uma camara humida a 30° R. Os dedos do manipulador eram molhados durante a manipulação com agua contendo bacillos, para que tambem por este meio ficasse o microbio em contacto com a capa.

As culturas da cholera que se empregavam provinham de enfermos cholericos, cujas dejecções eram enviadas para exame, ao instituto hygienico, no decurso da epidemia d'este anno. Seja permittido notar que as culturas puras da cholera, quer sob o ponto de vista da cultura em si quer sob o da fórma microscopica, eram perfeitamente eguaes ás antigas, cultivadas desde muitos annos no instituto hygienico; apenas o seu crescimento caracteristico na gelatina era um pouco mais rapido que o das culturas. Especialmente typico era o crescimento em caldo.

Passadas 24 horas tinha-se formado na estufa incubadora a pellicula tão caracteristica, franzida e brilhante, emquanto que o caldo se tinha turvado ligeiramente. A formação da pellicula effectuava-se melhor nas inoculações consecutivas, emquanto que nas culturas em caldo, obtidas com o producto de colonias em placas de gelatina, a formação da pellicula apresentava-se em alguns casos apenas ligeiramente esboçada 24 horas depois de se ter posto o caldo na estufa. Quando se empregavam, ao mesmo tempo, novas culturas da cholera, e vibrão Metschnikowi em culturas de caldo, já se vê em condições eguaes de cultura e de crescimento, tornava-se bem manifesta a differença das diversas culturas, passadas 24 horas.

O vibrão Metschnikowi tinha turvado muito mais o caldo que o da cholera asiatica, e a pellicula formada era muito mais franzida n'este que no vibrão Gamaleia. Quando se destruía n'uma cultura, de um dia da cholera em caldo, a pellicula na superficie, de forma que caísse no fundo do vidro reagente, levando-se em seguida a cultura para a estufa incubadora, formava-se passadas 24 horas (pela viva necessidade que o bacillo tem de oxigenio), no seguinte dia, nova pellicula. Esta experiencia repetiu-se durante alguns dias e sempre se formava de novo outra pellicula.

Emquanto que as antigas culturas de cholera não se desenvolviam bem na batata, formavam as novas culturas de bacillos n'este terreno uma especie de relva abundante, de côr amarello pardo e humida. Corando o bacillo com uma solução de Ziehl observou-se muitas vezes a presença de uns vacuolos redondos, sem côr, que se assimilavam a espóros. Este phenomeno apresentava tambem o bacillo proveniente de culturas em agar-agar, de um dia. Os corpos que apresentavam estes espaços, similhantes a espóros não resistiam melhor á sécca, ao calôr e aos agentes chimicos, do que os outros, que não mostravam estas anomalias.

Das quatro qualidades de charutos que se fabricaram, como acima se descreveu, examinou-se passadas 24 horas de permanencia na estufa incubadora, uma de cada vez, pelo processo de placas de gelatina, para ver se o bacillo ainda tinha vida. Examinaram-se bocados de capa e de interior dos charutos que ainda estavam humidos e o bocado de panno de linho.

Emquanto que nas placas de gelatina, que continham as folhas de tabaco, não se desenvolviam numerosas especies de bacterias, de fermentos e sárcinas (encontrava-se principalmente com muita regularidade em todas as placas uma especie de grandes coccus), podiam-se vêr nas placas que continham o bocado de linho, ainda, um pequeno numero de colonias de bacillos. Tanto na capa como no interior dos charutos tinha morrido o bacillo e tambem no linho, em grande parte,

suflocado por outras especies de bacterias. A reacção dos charutos era levemente alcalina.

Depois de demora por 4 dias, na estufa incubadora, examinaram-se os charutos da mesma forma; não se desenvolveram então colonias de cholera nas placas. O mesmo resultado se obteve do exame dos charutos, passados 7 e 10 dias. Emquanto que no segundo exame os charutos ainda estavam um pouco humidos, achavam-se no terceiro e quarto exame tão seccos como os que ordinariamente se apresentam á venda.

Em seguida a estas experiencias examinaram-se os charutos fabricados em Hamburgo, por fins de agosto, época do maior desenvolvimento da cholera. Os charutos vindos d'ali ainda em meados de setembro estão humidos. O exame quanto a bacillos deu em resultado negativo; provou, porem, que era elevado o numero de bacterias nos charutos.

Uma outra possibilidade de a cholera se poder alastrar pelos charutos, era que o bacillo se podia transportar para os charutos e assim para a bocca do consumidor pela sujidade das mãos do vendedor, que na occasião da venda tira os charutos da caixa. Importava, portanto, determinar quanto tempo se conservava vivo o bacillo em charutos seccos e nos levemente humidos. Para affastar o grande numero das outras bacterias que existiam nos charutos, organisaram-se as experiencias de forma que se collocaram em 4 placas esterilizadas de Petri 5 bocados de cerca de 1 c. q. de folhas de tabaco das mencionadas qualidades—Havano, Brazil, Sumatra e Seedleef—que se esterilizaram durante 2 horas em um esterilizador. Em seguida seccavam-se ao ar as placas com o seu conteúdo. Depois deitava-se rapidamente sobre cada um dos bocados de folha uma gotta de cultura de cholera em caldo, de um dia, que em breve seccava; 5 minutos, 1/2 hora,, 5, 2 e 3 horas depois de secco mettia-se cada um dos bocados de folha em um tubo com caldo. Da mesma forma se procedia com laminas de vidro esterilizadas, sobre as quaes se tinham seccado gottas de caldo.

Como a vitalidade do bacillo da cholera na seccagem sobre vidro è conhecida pelas experiencias feitas por Koch na primeira conferencia de 1884, serviam nas nossas repetidas experiencias os tubos de caldo munidos com as laminas de vidro, por assim dizer, de verificadores.

(*Continúa.*)

BIOGRAPHIA

Dr. Antonio Felix Martins

«Entrelaçando as conquistas da sciencia com os trophéos colhidos nas lides da litteratura, Felix Martins tornou o seu nome duplamente laureado, circumdando-o de uma aureola de renome e de uma atmosphera brilhante e verdadeiramente popular.»

Dr. Clemente da Cunha Ferreira — Annaes da Academia de Medicina do Rio de Janeiro — tom. 58 — Rio de Janeiro, 1892.

Antonio Felix Martins, Barão de S. Felix, nasceu no Rio de Janeiro a 20 de novembro de 1812.

Formado em medicina pela faculdade do Rio de Janeiro, foi nomeado lente substituto da mesma faculdade; e passando depois de alguns annos, com a refórma das faculdades medicas em 1855, a lente cathedratico de pathologia geral, pediu e obteve jubilação por haver completado o tempo de exercicio que a lei prescreve, após ter doutrinado as successivas levas de numerosos discipulos. Na qualidade de professor substituto regeu muitas cadeiras, tornando-se notavel por uma dicção brilhante e correctá.

Quem escreve estas linhas teve, como discipulo da faculdade do Rio de Janeiro, muitas occasiões de ouvil-o.

O illustre mestre era um dos venerandos representantes do passado; pois, como vereador da camara municipal da cidade do Rio de Janeiro recebeu a infeliz imperatriz quando veio de Napoles para o Brazil, mal pensando que acabaria seus dias no exilio, e que seus restos mortaes seriam sepultados em S.

Vicente de Fôra, no humido e escuro pantheon dos Braganças em Lisbôa.

Fez parte da antiga junta de hygiene, e por muito tempo foi provedor de saude do porto. Foi tambem presidente da imperial academia de medicina, inspector da instrucção publica, salientando-se em todos estes cargos pela sua circumspecção, equidade, justiça e intelligencia.

Orador eloquente na sua cadeira de lente, fôra Felix Martins professor distincto e brilhante poeta.

A munificencia imperial, que rarissimas vezes deixou de galardoar actos de civismo, demonstrou o apreço em que tinha os do dr. Felix Martins, escolhendo-o para medico da imperial camara, condecorando-o com o halito de Christo e a commenda da Rosa, e afinal agraciando-o, por decreto de 11 de dezembro de 1875, com o titulo de — Barão de S. Felix.

Succumbiu a uma febre perniciosa em 18 de fevereiro de 1872, a que não poude resistir seu organismo já alterado por uma lesão do coração. Era quasi octogenario.

Escreveu, além de diversos artigos nos *Annaes brazilienses de medicina*, o seguinte:

— *Irritabilidade e principio activo dos nervos*: these de concurso para a cadeira de physiologia do Rio de Janeiro, 1843.

Entrou em concurso com o dr. Lourenço de Assis Pereira da Cunha, que apresentou uma these notavel — *A Vida* — e que foi o nomeado.

— *Memoria historica* dos acontecimentos notaveis da faculdade de medicina do Rio de Janeiro durante o anno de 1857 — Rio de Janeiro, 1858.

— *Memoria historica* dos principaes acontecimentos da faculdade do Rio de Janeiro durante o anno de 1858 — Rio de Janeiro, 1859.

— *Breve noticia biographica* dos treze membros da academia de medicina que falleceram no periodo de 1850 a 1857 — Rio de Janeiro, 1858.

— *Biographias* dos fallecidos doutores Luiz Francisco Fer-

reira e João Mauricio Faivre — Rio de Janeiro, 1860. Sahiu antes na Gazeta dos Hospitaes.

— *Elogio ao illustre brasileiro Evaristo Ferreira da Veiga.* Sahiu no volume sob o titulo — *Honras funebres* — á memoria do illustre cidadão e perfeito maçon C.: R.: C.: Evaristo Ferreira da Veiga — Rio de Janeiro, 1837. Por esta occasião escreveu tambem um soneto que foi recitado na Sociedade Amante da instrucção, e vem publicado no *Florilegio da infancia* por J. Jordão.

— *Discurso* que por occasião da solemnisação do primeiro anniversario da fundação da Aug.: L.: Integ.: Maç.: fez e recitou, etc.—Rio de Janeiro, 1837.

— *Discurso sobre a caridade.* Sahiu n'um opusculo com o titulo — *Sessão solemne da installação da caixa municipal* de beneficencia do municipio da côrte a 29 julho de 1860 — Rio de Janeiro, 1860.

— *Discurso* recitado na segunda sessão geral anniversaria da veneravel congregação de Santa Thereza de Jesus. — Rio de Janeiro.

— *Elogio funebre do Visconde de Inhauma* — Rio de Janeiro 1870.

— *Decorophobia:* poema heroe-comico-satyrico — Rio de Janeiro, 1880.

Foi publicado sob o anonymo.

Deixou ainda ineditos diversos escriptos em prosa e verso.

No *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de 22 de fevereiro de 1892, vem o seguinte e interessante — Perfil Biographico — que reproduzimos tambem em homenagem ao talentoso professor: —

FELIX MARTINS

Assim como á mingua de oleo vai, pouco e pouco, enfraquecendo a luz da lampada até de todo extinguir-se, assim depauperado pelos annos e soffrimentos acaba de apagar-se um dos mais bellos espiritos que desabrocharam com a aurora do

segundo reinado, o do Barão de S. Felix, Dr. Antonio Felix Martins, ou como era conhecido e popular—Felix Martins.

Nascido nesta cidade, ainda no regimen colonial, aqui educado, instruido e formado pela antiga escola medico-cirurgica, era o que bem se podia chamar — um carioca da gemma. Medico, litterato, professor e partidario politico, e em tudo distincto, era sobretudo um — *causeur* adoravel; ai! de quem tivesse obrigações urgentes a cumprir, e que o encontrasse em horas de bom humor; tanto era ouvil-o como de tudo mais se esquecer.

Pertencia Felix Martins a essa laureada pleiade que tanto illustrou o brilhante periodo do quarto de seculo decorrido de 1830 a 1855, que tanto encantou os contemporaneos quanto hade admirar a posteridade, quando a critica, distanciada pelo tempo, desconhecendo de *visu* os productores, analysar as producções de par com o meio em que foram concebidas e executadas.

Companheiros, crêmos que dos mesmos annos, na antiga escola medico-cirurgica do Rio de Janeiro, foram, entre outros notaveis, Torres-Homem (visconde de Inhomirim), Gonçalves de Magalhães (visconde de Araguaya), Felix Martins e José Maria Velho da Silva, o ultimo sobrevivente. (1).

(1) O Sr. Dr. José Maria Velho da Silva nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 3 de março de 1811. Formou-se na faculdade do Rio de Janeiro. Professor de rethorica, poetica e litteratura nacional do collegio D. Pedro II, cavalheiro das ordens de Christo e da Rosa, publicou — *Gabriella* — Romance historico.

Discursos pronunciados por occasião da collação dos grãos de bacharel em lettras no imperial collegio de D. Pedro II.

— *Canto á independencia do Brazil.*

Tem outros escriptos em prosa e em verso insertos em diversos jornaes e revistas.

Muito provavelmente esta importante noticia biographica do Dr. Felix Martins é da penna do Sr. Dr. Velho da Silva, tambem distincto litterato e medico. Que se nos desculpe se fazemos juizo errado ou temerario.

NOTA DE J. R. M.

Dos quatro só dous seguiram a profissão medica, Felix Martins e Velho da Silva; os dous primeiros, um abraçou a carreira diplomatica e o outro a politica, chegando ambos a ministros, o primeiro plenipotenciario e o segundo de Estado.

Depois de concluido o curso medico separaram-se os quatro companheiros, indo o Dr. Velho da Silva estabelecer-se a principio no Rio Bonito e depois em Macahé: passados annos, vindo á côrte, foi procurar os condiscipulos, e encontrou Torres Homem em modesto aposento, lendo absortamente em horas tão adiantadas da manhã, como se não tivesse outra preocupação, que, extranhando isso, não pôde o visitante deixar de perguntar-lhe pela clinica.

—Não a tenho, respondeu Torres Homem, nem a quero; mudei de profissão.

—Mudaste de profissão! como? inquiriu curioso o Dr. Velho da Silva.

—Eu te conto, tornou Torres Homem; uma manhã chamei uns dous ou tres pretos do ganho, metti-lhes nos cestos todos os meus livros de medicina. fui com elles á livraria do Jordão (2) e troquei-os por obras de direito e economia politica.

E apontando para a nova livraria que lhe guarnecia as estantes, concluiu: — Estou estudando, preparo-me para a politica, que é a minha verdadeira vocação.

D'alli sahindo o Dr. Velho da Silva repetiu, palavra por palavra o que ouvira, e Felix Martins com a sua costumada argucia, batendo no hombro do condiscipulo, disse-lhe risonho:

(2) Conheci esse Jordão, que se chamava Albino Jordão. Tinha uma pequena loja de livros velhos e novos, aquelles em maior numero, na rua do Ouvidor, proximo á rua dos Ourives, á direita para quem vae para o Largo de S. Francisco de Paula ,

Jordão era bastante velho, e extraordinariamente surdo, pelo que usava de corneta acustica

Nota de J. R. M.

—O Torres Homem tem mais juizo do que nós, José Maria; a politica n'esta terra é tudo; elle hade ser ministro, senador, conselheiro de Estado, emquanto que nós não passaremos de uns pobres clinicos, ainda mais pobres do que a mais rica da nossa clientella.

O collega sorria, e a prophecia, em relação a Torres Homem, cumpriu-se; graças ás suas poderosas faculdades mentaes e á excepcional força de vontade, de professor de uma das cadeiras publicas do ensino secundario, então mantidas pela Camara Municipal, com a modestissima retribuição de 60\$000 mensaes, que recebia mediante attestados de permanencia, passados pelo vigario da freguezia onde tinha aula, conquistou elle successivamente as posições de deputado, ministro, senador e conselheiro de Estado; fallecendo afinal, cumulado de todas as honras e grandezas.

Felix Martins não foi, porém, o pobre medico, como a si mesmo se vaticinára: pelo contrario, nos dominios da sciencia que professou como um sacerdocio, conquistou tambem um nome invejavel, quer na clinica, quer na cathedra; nas letras, se não se elevou á altura de Gonçalves de Magalhães, não é porque fosse menos poeta do que este, mas, na verdade, amava mais o convivio do que a cultura litteraria, aprazia-lhe mais admirar as producções alheias do que cuidar das proprias; não obstante, gozou da reputação de sonetista insigne.

Quem lê hoje os sonetos de Felix Martins não fórma lá muito lisonjeira idéa do criterio dos seus admiradores, que chegaram ao ponto de proclamal-o emulo de Bocage; mas quem estudar o nosso meio social de ha trinta annos passados, e quem souber, principalmente, que o poeta dispunha de uma voz sonóra, dicção correctá, acalorado enthusiasmo, e de uma figura sympathica e attrahente, não se admirará tanto d'aquelle conceito dos contemporaneos da sua mocidade.

Felix Martins era então o seu tanto repentista, e em grandes reuniões é que quasi sempre se fazia ouvir.

Graças áquelles dotes naturaes, aperfeiçoados por estudos

litterarios dirigidos por professores da estatura de Mont'Alverne e Januario da Cunha Barbosa, este de rethorica e aquelle de philosophia, e ambos oradores sagrados de primeira ordem, é que elle conseguira firmar a reputação dos seus sonetos. Cumpre, porém, dizer-se que os seus discursos, mórmente de natureza biographica, são tão notaveis pelo fundo como pela fórma.

Era ainda muito moço, pois contava apenas 19 annos, quando se deram os acontecimentos politicos que terminaram pela quéda do primiro imperador. O assassinato de Badaró impressionára profundamente a população d'esta capital, e os patriotas aproveitando o ensejo trataram de celebrar na Egreja de S. Francisco de Paula, a 25 de Março de 1831, uma dupla solemnidade, com o fim de memorar a um tempo o juramento da Constituição e suffragar a alma do martyr da liberdade.

O imperador, que não havia sido convidado, querendo talvez affrontar e lisonjear a opinião publica, apresentou-se inesperadamente, depois da missa funebre, e quando já havia começado o *Te-Deum*.

Ao entrar no templo, ouvindo partir da multidão—vivas a D. Pedro I, *emquanto constitucional*, com o ardor tão proprio da sua mocidade e do seu character, replicou elle em voz bem alta—«fui, sou e serei sempre constitucional».

Affirma-se, mas não sabemos se com fundamento, que n'essa occasião um homem do povo quiz apunhalal-o, mas que foi obstado por alguns amigos do imperador, que os tinha capacidades dos maiores sacrificios.

Ao terminar a solemnidade religiosa grande era a agitação popular; o largo achava-se litteralmente cheio; vozes a principio isoladas e depois unisonas, pediram a palavra dos próceres do movimento; Gonçalves de Magalhães, desejoso de fallar, mas precisando de um incentivo, volta-se para os companheiros e diz insistentemente:

—Um soneto, Felix Martins!

O joven academico sóbe audaciosamente a um dos frades de pedra que defendiam a escadaria do templo, reclama, com as *palmas do estylo*, silencio, e improvisa a pedida composição poetica.

Não era preciso mais; a multidão applaude-o delirantemente; os oradores succedem-se cada qual mais incendiario, e o imperador, já em S. Christovão, sente os primeiros abalos dados pelos fortes pulsos do povo ao seu reinado.

Como Felix Martins e como toda a mocidade academica da época, Gonçalves de Magalhães era então um democrata exaltado; para celebrar a revolução triumphante, d'ahi a dias, escreveu elle uma allegoria dramatica que foi recitada com grande successo no theatro S. Pedro d'Alcantara, onde annos depois João Caetano havia de dar tanta vida á mais bella das suas concepções no genero—Antonio José.

Em 1832, Gonçalves de Magalhães reuniu em um voluminho as suas composições patrioticas, entre as quaes figura essa allegoria, e supponho que tambem o soneto de Felix Martins. Mais tarde affeiçãoaram-se tanto os dous poetas a D. Pedro II, quese divorciaram das primitivas idéas republicanas; Magalhães foi ao ponto de repudiar aquellas producções, pois não as incluiu nas suas obras completas, impressas em Vienna, quando alli exercia funcções diplomaticas.

Comtudo, não se póde dizer que Felix Martins renegasse em absoluto os principios democraticos que professára na mocidade; apesar da sua apreciada convivencia nos paços de S. Christovam, como medico da camara imperial, não era sem remoque que elle fallava das etiquetas palacianas, mostrando-se sempre admirador e até entusiasta do governo do povo pelo povo.

Até quasi aos ultimos annos de existencia cultivou, ainda que como amator um tanto esquivo, a poesia; tarde, porém, abalançou-se a obras de vulto; os seus poemas *Decorophobia* e *Carmelina*, estão muito a quem de seus meritos litterarios. O primeiro é uma satyra frouxa, senão banal, aos desmoralis-

sados processos eleitoraes dos ultimos annos da monarchia; ao segundo, se não falta sentimento, ha muito que exigir para ser uma verdadeira obra d'arte.

Como todos os homens espirituosos, Felix Martins sacrificava ás vezes a religião da amisade ao prazer de fazer um epigramma, mas com aquella grandeza d'alma, que tanto sobreelevava o seu nobilissimo character: era bello de ver-se com que solitudine e carinho elle procurava logo curar a leve arranhadura que o seu espirito satyrico produzia quasi que involuntariamente.

Fazendo uma viagem á Europa com um collega e antigo amigo, teve em França um d'esses estremecimentos; o companheiro molestado disse-lhe então:

—Se não fosse a fineza que te devo de me haveres cedido a bordo, no camarote em que nos alojamos, a cama debaixo, que me era mais commoda pela minha corpulencia, separava-me de ti e fazia o resto da viagem sósinho.

— Pois olha que não me debes favor nenhum por isso, accudiu Felix Martins zombeteiro; receiava que enjoasses de noite, e para que não me cahisse algum chuveiro desagradavel é que te cedi a cama debaixo.

Aggravada por esta fórmula a offensa satyrica, tornar-se-hia inevitavel a separação, se Felix Martins não accudisse pressuroso a acarinhar o amigo, pedindo-lhe perdão como uma creança.

Reconciliados proseguiram os dous velhos, para logo reincidir o poeta com o seu implacavel humorismo. Uma noite em que o Dr. D. dormia a somno solto, é despertado pelo companheiro que lhe diz muito seriamente.

—Tu roncas muito; ainda se roncasses em um só diapasão vá; mas varias continuamente; de fórmula que, quando me vou habituando com um tom e pegando no somno, passas para outro com o qual preciso de novo tempo para me acostumar. Peço-te um favor; ronca, ronca á vontade, mas de um feitio só.

E assim viajavam os dous em continuas polemicas, até que,

chegados á Suissa, contemplando uma paizagem da natureza d'aquelle bello cantinho da Europa, dizia Felix Martins:— «cerrou-se-me o coração tão cheio de tristeza com saudades da patria, que, receioso de morrer longe d'ella e dos meus, não pude ir adiante, regressei incontenenti ».

Tinha razão para assim ter saudades da terra natal, pois bem sabia quanto n'ella era querido. Felix Martins contava em cada discipulo, e estes não foram poucos, pois professou em onze cadeiras da escola, um amigo, e em cada cliente, que não erão menos numerosos, pois exerceu a medicina por largos annos, uma dedicação. Era proverbial a sua caridade; e o amor do proximo, por occasião das mais assoladoras epidemias, fez d'elle por vezes um heroe da humanidade.

Carregado de annos e de serviços, perguntou-lhe um dia, em amigavel conversação, D. Pedro II, qual preferia,—a dignataria da Rosa ou um baronato.

—Senhor, respondeu Felix Martins, a dignataria hade me enfeitar muito a figura, ao passo que o baronato muda-me o nome; mas a minha boa mulher deve tambem participar das minhas honrarias; se entre nós se usasse chamar ás mulheres dos dignatarios de *senhora dignataria*, ainda vá...

—Está bom, volveu o imperador, havemos de conciliar tudo isso; dias depois nomeou-o Barão de S. Felix, o que fez que, sem deixar de ser titular, continuassem a chamal-o Felix Martins.

E será esse o nome que a nossa historia litteraria registrará como um dos seus mais bellos ornamentos, e como uma das suas puras glorias.

J. R. M.

METEOROLOGIA

Observações meteorológicas do mez de Novembro

PELO CONS. ROZENDO A. PEREIRA GUIMARÃES

A temperatura media do mez foi $26^{\circ},61$; no mesmo mez do anno passado $27^{\circ},51$. A temperatura ao sol, na media, $34^{\circ},16$; no mez do anno passado $36^{\circ},50$. A temperatura maxima 29° ; no mez do anno passado 29° . A minima $24^{\circ},50$; no mez do anno passado $25^{\circ},50$. A media maxima dos dias $27^{\circ},88$ no mez do anno passado $28^{\circ},46$. A media minima das noites $25^{\circ},33$; no mez do anno passado $26^{\circ},26$.

A pressão barometrica media, observada no barometro $759^{\text{mm}},04$ e calculada á zéro $755^{\text{mm}},66$; no mez do anno passado foi esta $755^{\text{mm}},99$.

Pressão maxima $763^{\text{mm}}00$; minima $756^{\text{mm}}00$ (absolutas.)

O pluviometro marcou 210 millimetros de agua de chuva, eguaes á 8 litros, 400; no mez do anno passado marcou 120 millimetros, eguaes á 4 litros, 800; differença para mais 90 millimetros eguaes á 3 litros, 600. De accôrdo com o calculo já publicado, a chuva de todo o mez deu por cada milha quadrada 1:016.000.000 litros ou 1.016.400 toneladas metricas, ou 54:885.600 arrôbas ou 48:400.000 barris de agua.

Os ventos foram um pouco variados e irregulares, particularmente pelas manhãs, sendo mais constantes os de N e NE com as variantes de NO; SO, E e SE. Houve 11 dias de chuva e 3 de trovoada; no mez do anno passado 6 dias de chuvas e 3 de trovoada. O hygrometro oscillou entre 82° e 91° , humidade relativa correspondente 72 e 85.

DEZEMBRO

A temperatura media do mez foi $26^{\circ},66$; no mesmo mez do anno passado $27^{\circ},93$. A temperatura ao sol, na media $33^{\circ}40$; no mez do anno passado $38^{\circ},25$. A temperatura maxima $29^{\circ},50$; no

mez do anno passado 29°,50. A temperatura minima 24°; no mez do anno passado 26°. A media maxima dos dias 27°,46; no mez do anno passado 28°,87. A media minima dasnoites 25,05; no mez do anno passado 26°,61.

A pressão barometrica media, observada no barometro 759^{mm},11 e calculada a zero 755^{mm}87; no mez do anno passado foi esta 756^{mm},03. Pressão maxima 763^m,0; minima 756^m,0 (absolutas)

O pluviometro marcou 150 millimetros de agua de chuva, eguaes á 14 litros; no mez do anno passado marcou 64 millimetros eguaes á 2 litros, 560; differença para mais 286 millimetros eguaes á 11 litros, 440.

De accordo com o calculo já publicado a chuva de todo o mez deu por cada milha quadrada 1:694.000.000 litros ou 1:694.000 toneladas metricas 91:476,000 ou arrobas, ou 80:666,66 barris de agua.

Os ventos foram variados e mui irregulares do meio do mez em diante, sendo mais frequentes os de E; a SE e SO.

Houve 15 dias de chuva; e 5 dias de trovoadas; no mez do anno passado 7 dias de chuva e um de trovoadas.

O hygrometro oscillou entr 80° e 91°, humidade relativa correspondente 69 e 85.

VARIEDADE

Denominações curiosas e hoje des- usadas, que tiveram alguns mus- culos.

Musculo adductor livido. E' o pectineo; foi assim chamado porque no começo da decomposição do corpo, elle torna-se azulado pela presença da veia femoral.

Musculos alopeces (da raposa). Assim chamados por Hippocrates para designar os da região lombar. Galeno dava este nome ao *psaos*.

Musculo amatorio. Nome dado por Isenflamm ao *recto externo* (do olho). Andréas Laurentius chamava *musculos amatorios* aos dous *obliquos* do olho.

Musculo admirador. O *recto superior* do olho.

Musculo bebedor (*bibitorius*) Assim chamou Casser o *musculo recto interno* (do olho) porque era empregado pelos barbaros para olharem se tinham bebido o conteúdo da taça. Hyrtl observa que estes barbaros não podiam ser senão allemães.....

Musculo canino. Nome dado por Santorini ao musculo que Albino chamou depois *levantador do angulo da bocca*.

Musculo cannelado. Assim chamou Lieutaud ao *obturador interno*, por ter o tendão parecido com uma *columna Dorica*.

Musculo cartophoro. E' o *sub-scapular*, porque traz o braço de encontro ao lado do corpo, como quem leva um rôlo de papeis, ou uma carteira debaixo do braço.

Musculo de cadeia (*catenæ*). Nome dado por Adriano Spigel ao *tibial anterior*, porque quando dividido accidentalmente, era o enfermo obrigado a trazer uma cadeia ou corrente com que puxava e dobrava o pé.

Musculo conselheiro (*consiliarius*). Synonymo graciosamente dado por Guerner Rolfink ao *sterno-cleido-mastoidéo*.

Musculo ephebeu. Riolano deu este nome ao *pyramidal do abdomen*, com o curioso fundamento de que elles previnem offensa aos tendões dos *musculos rectos* no coito.

Musculo hippico. Assim chamou Meckel ao *tibial anterior*, porque ajuda o cavalleiro a pôr o pé no estribo, e dirige os movimentos do cavallo.

Musculo humilde (*humilis*). Nome dado por Casser ao *recto inferior* do olho.

Musculo da ira (*iracundiæ*). Dado por Malinetti ao *recto externo* do olho.

11 *Musculo da alegria* (*lœtitiæ*). Nome dado por Isenflamm ao *recto interno* do olho, porque com o congenere dirige os olhos

quando, depois de beber, se examine o fundo do copo, e portanto em estado alegre.

Musculo de mesa (mensalis). E' o *trapezio* por ter quatro pernas.

Musculo nautico. Nome dado por Spigel ao *tibial posterior*, porque serve aos marinheiros no trepar ao mastro.

Musculo da paciencia. E' o *levantador do comoplata*, porque serve para mostrar resignação.

Musculo dos pobres (pauperum). Applicado por Leber ao *recto inferior* do olho.

Musculo prodigo. Dado tambem por Leber ao *longo supinador* porque faz rodar o braço á posição de receber esmola.

Musculo orgulhoso (superbus) E' o *recto superior* do olho. Extr. do Lex. de Power e Sedgwick—1891.

S. L.

Nomes que tem tido a epilepsia, vulgarmente gotta coral

Morbus astralis; attonitus; caducus; comitialis; convivalis; dæmoniacus; deificus; divinus; divus; foedus; herculeus; infantilis; inputatus; interlunis; lunaticus; magnus; major; mensalis; popularis; puerilis; sacer; Sancti Joannis; Sancti Valentini; scelestus; seleniacus; sideratus; sonticus; vitriolatus.

Remedio NOVO

O Dr. Jonathas Pereira, no seu livro *Selecta e prescriptis*, conta a seguinte anecdota:—Um velho medico de provincia encontrando-se na sua terra com um agente de droguista de Londres, quando ahi reinava o cholera, disse-lhe que lhe constava ser um grande remedio para esta molestia o *chorureto de sodio*, e que, se não fosse remedio muito caro lhe mandasse vir de Londres 4 onças d'elle... O agente, que de nomenclatura chimica sabia tanto como o velho discipulo de Esculapio, mandou vir a droga, e este pouco depois recebia, com grande espanto seu, 4 onças de *sal de cozinha!*

NOTIGIARIO

Serviços de Hygiene Publica

De accordo com a auctorisação especial do Congresso, o governo separou os serviços de hygiene, até então a cargo exclusivo da Inspectoria Geral de Hygiene publica, e organisou a Directoria Sanitaria da Capital Federal. O que diz respeito á hygiene aggressiva, policia sanitaria, saniamento do meio, etc. passou para a superintendencia da municipalidade. Segundo o regulamento, recentemente publicado, que organisa a Directoria Sanitaria, terá esta nova repartição por objecto:

I O serviço de estatistica demographo-sanitaria.

II Os assumptos que se prendem ao exercicio da medicina e da pharmacia.

III. A execução de providencias hygienicas de natureza defensiva em épocas anormaes, a juizo do Governo, contra a invasão de molestias exoticas ou a disseminação das indigenas na Capital Federal.

Para a Directoria Sanitaria foi nomeado o seguinte pessoal medico:

Director—Dr. Francisco de Castro.

Secretario—Dr. Azevedo Sodré.

Ajudante do director—Dr. L. A. Silva Santos.

Demographista—Dr. Aureliano Portugal.

Auxiliar do demographista—Dr. Bulhões Carvalho.

Archivista—Dr. J. Luiz Vianna.

Para a Directoria Sanitaria passaram os pharmaceuticos que faziam parte da Inspectoria Geral de Hygiene, os directores e mais pessoal dos hospitaes de S. Sebastião e Santa Barbara.

GLOSSARIO MEDICO

DE VOCABULOS, PHRASES E LOCUÇÕES INCORRECTA OU VARIAVELMENTE ESCRIPTOS, PRONUNCIADOS OU INTERPRETADOS

O uso constante, quasi privativo da lingua franceza na educação dos medicos brazileiros e portuguezes, e em geral o pouco vulgar ou superficial conhecimento das linguas mortas de onde se deriva quasi toda a nomenclatura scientifica, tem influido desfavoravelmente na prosodia, orthographia, e na correção da nossa linguagem profissional, fallada ou escripta.

Ocorreu-me a idéa de utilizar alguns apontamentos, que ha muito possúo, de exemplos d'estas incorrecções de linguagem, e de os ir successivamente publicando taes quaes se acham, sem systema nem ordem alphabetica, accrescentando-lhes outros que fôr encontrando, ou me lembrarem no correr deste pequeno trabalho.

Não é, nem pode ser um catalogo ou vocabulario methodicamente ordenado, pois falta-me o tempo para isso, mas apenas um modesto subsidio de materiaes dispersos, que alguém mais habilitado poderá organizar, corrigir e augmentar no futuro, como um dos remedios possiveis á deploravel negligencia com que entre nós frequentemente se ensina, se aprende, e se faz uso da lingua vernacula nas sciencias, letras e artes.

Limitando-me á linguagem medica propriamente dicta, e que naturalmente me é mais familiar do que a de outros ramos ou divisões da sciencia dos nossos tempos, não tenho, todavia, a minima pretensão á infallibilidade das minhas apreciações philologicas; pelo contrario, desconfiando muito d'ellas, peço e acceito com agradecimento, para incorporar n'esta nova secção da *Gazeta Medica* as addições, emendas e contestações que outros collegas se dignarem dirigir-me.

Enceto hoje uma tarefa que de ha muito me preoccupa o espirito, e faço-o, porque de balde tenho esperado até agora que algum collega dos que melhor do que eu a poderiam em-

prehender, se apresentasse a preceder-me n'este empenho, com superior competencia e com mais justificada iniciativa.

Sei que mais de um illustrado orgão da imprensa medica portugueza se dirigiram já neste sentido á profissão medica de Portugal e do Brazil.

Emquanto os nossos collegas por lá trabalharem, façamos nós aqui outro tanto, e se não com egual proficiencia, ao menos com egual vontade e interesse.

S. L.

ARTELHO.—Tem-se introduzido modernamente na nossa linguagem medica este termo para designar impropriamente o *dedo do pé*; é a traducção incorrecta do francez *orteil*. Não é raro ouvir e ler—o *grande*, o *pequeno artelho* em lugar de *dedo grande* e *dedo minimo do pé*.

Artelho (de *articulus*) significa em portuguez uma ou ambas as saliencias da articulação tibio-tarsica, ou do tornozelo, e é n'esta accepção que se deve empregar e entender; uma vez que a nossa lingua não possui, como a franceza, ingleza e allemã, vocabulo especial como *orteil*, *toe* e *zehe* para denominar os dedos dos pés, devemos continuar, como os hespanhoes e italianos, a fazer uso desta locução para designar estes appendices, como os latinos que os chamavam *digiti pedis*.

Tibia. Ha muito quem diga e escreva o *tibia*, imitação do francez *le tibia*; os medicos portuguezes com razão fazem sempre uso, no fallar e escrever, do artigo femenino, *a tibia*, mais conforme á origem latina do termo. Entre nos já alguns fazem o mesmo, e este uso tende a tornar-se geral.

Astragálo e astra'galo. Com o meu mestre Jonathas Abbott apprendi a pronunciar este vocabulo—*astraga'lo*, com a penultima longa, e assim creio que se pronuncia geralmente esta palavra no Brazil, com particularidade na Bahia, por imitação do francez; é certo porem, que o termo *artra'galus* em anatomia, e *astrágalos* em botanica, de origem grega, têm

breve o ultimo *a*, e não vejo razão para que alteremos a quantidade d'esta syllaba, procedendo differentemente dos inglezes, e outros que respeitam a accentuação grega e latina.

Olécrana, palavra composta, deveria dizer-se antes *o olecrânio* e não *a olécrana*, como geralmente se diz; seria mais conforme á etymologia dupla da palavra grega (cabeça do cubito) em que a segunda componente è *cranion*, e não *crānon* ou *crāna*; ou então dizer—*olécrano*.

Peroneo Os portuguezes dizem *peróneo* e nós *peronéo*. Qual a pronunciação que deve prevalecer? Os inglezes e americanos não usam d'este termo, e sim do latino *fibula* (fivela ou colchete;) mas empregam o adjectivo *peronéal*, accentuando o *e*, o que não fariam se o considerassem breve, por que n'esse caso diriam *pero'neal*. Mas como os americanos dizem *cer'vical*, e *ve'sical* (Webster) sem accentuarem o *i* longo do latim, e os inglezes dizem mais correctamente *cervi'cal*, (segundo Power e Sedgwick,) não me julgo com auctoridade para decidir se *peróneo* é mais correcto do que *peronéu*, com quanto me incline para o segundo modo de pronunciar.

Peri'neo e *perinéu*. Parece incrível que em Portugal e no Brazil, na Bahia ao menos, se diga *peri'neo* em vez de *perinéu* como ensinava Jonathas Abbott. O termo latino escreve-se *per.næum*, em que o diphthongo é longo por sua natureza. E isto succede não obstante a nossa tendencia a afrancezar a pronuncia, pois os francezes dizem *perinée*!

Peritónio e *peritonéu*. Os medicos portuguezes dizem correctamente *peritonéu*, e não sei a razão porque modernamente se pronuncia aqui *peritónio*, sendo o termo latino *peritonæum*.

Quina Ragoucy.—Este elixir de base de extracto de quinium é rico em alcaloides e contém os principios tonicos completamente inalterados

É um agente de tonificação que obra eficazmente em todos os casos de anemia, sem produzir constipação nem dores de estomago.

Venda por atacado—Paris, Marchaud, 13, rua Grenier St. Lazare.

Elixir e pilulas Grez chlorhydro-pepsieos, amargos e fermentos digestivos, empregado nos hospitaes nas dyspepsias, anorexias, vomitos da prenhez, diarrhéas chronicas (lienteria).

Ferro de Quevenne.—Ha 50 annos considerado como o primeiro dos ferruginosos por causa de sua *pureza*, de sua *poderosa actividade*, de sua *facilidade de administração*, e porque não tem a acção caustica e irritante dos saes de ferro e das preparações soluveis. Para evitar as falsificações impuras e desleaes, ter o cuidado de prescrever sempre: O *verdadeiro ferro de Quevenne*.

O vinho de **Bayard de peptona phosphatada**, é um dos poderosos econstituintes da therapeutica.

O licor de **Laprade**, de albuminato de ferro, o mais assimilavel dos saes de ferro, constitue o tratamento especifico da chlorose e da anemia

Boldo Vérne Especifico contra as molestias do figado, cachexia de origem palustre e consecutivas á longa estada nos paizes quentes, febres remittentes e dyspepsias atonicas.

XAROPE e granulos CROSNIER com Alcatrão e monosulfureto de sodio inalteravel, relação favoravel da Academia de Medicina de Paris: **TISICA, BRONCHITES chronicas, catarrhos, asthma, laryngites; Molestias da Pelle.**—**E. NITOT, 21, r. Vieille-du-Temple, Paris e Phcias.**